



## SEXUALIDADE EM ANTÔNIA CUDEFACHO: RELAÇÕES DE PODER E RESISTÊNCIA.<sup>1</sup>

Regiane Farias Neves

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura*

*Universidade Federal do Pará/Campus Cametá*

[regianeves@yahoo.com.br](mailto:regianeves@yahoo.com.br)

### Resumo

Este estudo enseja as tramas da sexualidade que perpassam as histórias de vida de Antônia Cudéfacho, personagem da obra literária de Salomão Larêdo, enviesadas nas relações de poder e resistência que configuraram os valores morais e as normas hegemônicas instituídas na sociedade cametaense de sua época. Tais construções discursivas são predispostas na arqueogenealogia foucaultiana e estabelecem um diálogo entre os estudos da sexualidade e do campo feminista, especialmente, em autores como Foucault (2001, 2004, 2008), Louro (2000); Salih/Butler (2015) e Rago (2008 e 2013), para ajudar-nos a questionar sobre o modo como fomos constituídos aos cenários de construção discursiva da sexualidade e problematizar a história de Antônia Cudéfacho em relação às redes de poder, aos valores, à sexualidade e à educação cametaense. Essas discussões são constituídas na correlação entre passado e presente a partir do enredo da narrativa e relatos de interlocutores, visando traçar uma analítica das microesferas do poder.

**Palavras-chave:** Sexualidade. Relações de Poder e Resistência. Literatura.

### Considerações Preliminares

O estudo em questão demarca a construção discursiva das tramas da sexualidade vividas em Antônia Cudéfacho, narrativa literária do escritor Salomão Larêdo, entrelaçadas às relações de poder e resistência da época em que ela vivia. Desse modo, a pesquisa discorre em tecer uma composição discursiva dessas tramas vivenciadas pela personagem Antônia Cudéfacho associadas aos relatos de interlocutores que possuam algum conhecimento pertinente a sua história que nos leve para além do está sendo exposto na obra. As pistas arqueogenealógicas foucaultianas, por sua vez, proporcionarão a tessitura dessa analítica, espreitando as margens do esquecido, do reprimido, e assim, buscar encontrar os cruzamentos e as encruzilhadas dessas tramas que permeiam o ficcional e o real e que atravessam o cenário social de um tempo passado e nos instigam a pensar as relações sociais atuais por outros modos, a saber em estreita relação com os estudos feministas, pós-feministas e teoria *Queer* no campo da sexualidade.

Logo, o objetivo da pesquisa desdobra-se em problematizar, no âmbito literário, educacional e social, a sexualidade presente na narrativa sobre “Antônia Cudéfacho” e discutir os valores que forjaram e que ainda forjam as construções discursivas que perpassam pela sexualidade e pelas micro relações de poder que atravessam a narrativa, a fim de

---

<sup>1</sup> Este estudo constitui-se como parte do texto de qualificação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC)/UFPA-Campus de Cametá.



descortinar em uma perspectiva foucaultiana, as “subjetividades” de tais personagens-sujeitos de modo a criar possibilidades outras para refletir sobre a sexualidade como diferença no campo social por meio de políticas educacionais apropriadas propiciando, assim, a abertura de espaços educativos plurais ao diálogo com a diferença.

## 1. Antônia e as tramas da Sexualidade

Partindo das discussões em torno das ambiguidades e antagonismos da sexualidade, permeadas por relações de poder, adentra-se à “Microfísica do poder” que envolvem as tramas da sexualidade, no intuito de analisar o funcionamento e a capilaridade dessas micro relações de poder que perpassam o ficcional e o vivido, sem que haja limites estabelecidos entre ambos. Transito por discursos e narrativas da sexualidade que atravessam a literatura e a memória em um tempo que ficou disperso nos contextos e na história de Cameté, e que muitos preferem mantê-los submersos na zona do esquecimento.

Em contrapartida, buscar esses acontecimentos nos fios da memória dos cametaenses tem nos ajudado a refletir sobre as demandas da composição social refletidas em teias de poder. Tais discursos estão repletos de contradições e ambiguidades sobre as mais variadas peculiaridades que permeiam esses sujeitos-personagens e suas respectivas façanhas no território da sexualidade. Ouvir as vozes de pessoas e grupos que se configuraram de alguma forma em torno das vidas desses sujeitos tem sido importante para adentrarmos aos implícitos que estão imersos na obra e para além dela, que configuraram o passado, mas que muito nos tem a dizer sobre o presente.

Esses discursos são potenciais demarcadores de espaços e de tempo, de valores e de ambiguidades, de marcas e de silenciamentos, pois, muitas vezes, os “assuntos delicados” são abnegados, já que podem trazer à luz muitas lembranças indesejadas ou “ímorais” frente ao julgamento social que são tecidos aos comportamentos do Outro. Silenciar é, talvez, uma opção de não mais se comprometer com o vivido. Guardá-los nos porões do esquecimento, são alternativas para o não comprometimento com o promíscuo.

Isto reflete a resistência dos colaboradores ao falar sobre Antônia Cudéfacho. Inicialmente, diziam *não saber nada*. Após insistência, timidamente os três, dizem que *não sabiam falar sobre ela – que ela era mulher da vida*”, em seguida, o silêncio imperava. O não-comprometimento com a situação parecia ser a melhor opção. Nesse sentido, a Genealogia foucaultiana (2004) como uma “teoria regional de combate”, ressalta um



elemento analítico a ser elucidado na pesquisa: as vozes dos “sujeitos infames”, dos sujeitos comuns, dos silenciados historicamente.

Desse modo, adentram-se a este estudo, as diferentes vozes, num jogo de polifonias. Com isso, a pesquisa é potencializada a partir das contribuições de Michel Foucault (2001) e seus estudos sobre a *História da Sexualidade* conectada às relações saber-poder-sujeito – elementos que compõem a tríade de seu pensamento arqueogenealógico. Não se trata apenas da conjugação do saber acerca da origem ou o fim dessas construções discursivas que permeiam a sexualidade e toda a trama envolta a ela e à vida de Antônia, mas sim, de potencializar a discussão sobre o como essa vasta composição enunciativa acerca as condições de produção de tais discursos, de modo a evidenciar “como os sujeitos são discursivamente constituídos” (SALIH, 2015, P. 69), pela sexualidade em diálogo com as micro relações de poder.

Esse pensamento arqueogenealógico funciona como desdobramento da arqueologia associada à genealogia, dois importantes campos do estudo foucaultiano. Segundo o autor, (2008), a arqueologia apreende a detecção dos discursos, bem como de sua formação histórica no que se refere a um determinado campo de saber, neste caso, destaca-se a sexualidade. A genealogia busca, então, trazer à tona esses saberes não legitimados, desqualificados pelas teias de poder.

Pensando nas prerrogativas foucaultianas, a narrativa de Antônia Cudéfacho constitui “enredos” imersos de inúmeras condições sociais, filosóficas, econômicas e políticas, cujas relações eram determinantes em sua condição de vida. Por meio dessas complexas relações, emergem discursos que delineiam inúmeras relações de poder, a exemplo do enunciado que, inúmeras vezes, se repete ao longo da narrativa, por meio de Antônia Cudéfacho “- Viva Nelson Parijóooooooooooooooooosssssss!”. (LARÊDO, 2006, p. 32), demonstrando-se, assim, as teias de poder entre Antônia e pessoas influentes da região. Seu Bebê<sup>2</sup>, em entrevista, diz-nos que “Antônia usava isso (o enunciado acima) a seu favor”. Ou seja, buscava consolidar algumas das suas relações com os políticos da época por meio de um dispositivo estratégico, o discurso. Nosso interlocutor continua: “Para os políticos, era muito melhor tê-la a seu favor, falando bem do que falando mal”.

Louro (2015, p.6) apoia-se em Foucault para apontar a sexualidade como um "dispositivo histórico", e, conseqüentemente, “uma invenção social”, forjada por discursos

---

<sup>2</sup> Nome fictício dado ao colaborador da pesquisa. Além desse, outros surgirão ao longo do texto com o intuito de resguardar as suas respectivas identidades.



que regulam, que normatizam e que materializam tensões no campo do saber e das teias de poder, haja vista que os sujeitos são socialmente construídos por meio dos discursos, estabelecendo zonas de vizinhança, para explorar os subterfúgios da construção do gênero, do sexo e da sexualidade aprisionados pelas normas sociais.

Falar de sexualidade, ainda hoje, causa muito incômodo, pois como Miskolci (2015) evidencia, a sexualidade expõe a nossa intimidade, nos coloca em evidência. A sociedade normaliza as pessoas, continua Miskolci (2015). Acrescento, ainda, que as pessoas normalizam umas às outras, e normalizam a si mesmos. Vai muito além das macrorrelações estabelecidas, são as tensões presentes nas microrrelações que tencionam a política da normalização dos valores acerca dos comportamentos sexuais.

São relações de poder tecidas por inúmeras vertentes e se sobrepõem às normas causando uma relação de oposições, subordinação e resistências, conforme aponta Foucault (2004). Assim, a “Vila Japiim de vez em quando era objeto de batida da polícia. Invadiam, quebravam e queriam imputar até crime”. (LARÊDO, 2006, p. 135). Rago (2008) também relata acerca da constante vigilância e batidas da delegacia de costumes aos cabarés paulistanos. “[...] a repressão física era a principal arma usada pela polícia contra prostitutas e homossexuais” (p. 140). Nesse sentido, Foucault esclarece, ainda:

Trata-se [...] de captar o poder em suas extremidades, lá onde ele se torna capilar; captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que, ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam, ele se prolonga, penetra em instituições, corporifica-se em técnicas e se mune de instrumentos de intervenção material, eventualmente violentos. (FOUCAULT, 2004, p. 182).

Vale ressaltar também o poder regulatório historicamente disseminado na sociedade e que opera em várias direções e esferas. Assim, somos alvo de poderes regulatórios, seja nas ruas, na escola, no trabalho, e inclusive nos nossos próprios lares. Desse modo, na casa de Antônia “as paredes falavam. O pessoal é que não tinha nem olhos nem ouvidos, só, as paredes”. (LARÊDO, 2006, p. 151). Frente a isso, os poderes regulatórios, atuam como alvo de vigilância e até mesmo como instrumento para punição e educação, de moralização social ou mesmo como mecanismo de fetiche ou curiosidade. Dona Cecé confessa “espiar pelas gretas” espionando as movimentações sugestivas pelos cantos da casa, por curiosidade.

Entretanto, Antônia Cudefacho não se dobrava às restrições do ideal regulatório, era “mulher da vida”, imponderada, audaciosa e transpunha a ousadia em suas atitudes, as quais sobressaiam as marcas da sexualidade desviante em que vivia. Antônia, ao reinventar suas



próprias subjetividades e ousar transgredir delineia um viés de autonomia, de liberdade e criação de si. Foi assim que

Uma noite de luar Antônia pulou da rede nuona e foi desfilar na rua, virou um cortejo. Gostava de ver os homens e as mulheres, estas, sobretudo pelas fendas e brechas das janelas, lhe observando sem trajes que era assim que gostava de ser, a brisa tocantina acariciando-lhe o corpo todo, massageando de afeição. (LAREDO, 2006, p. 45).

Assim, em meados do século XX, Antônia, uma ribeirinha do Tocantins, constituía-se e afirmava-se enquanto transgressora à normatividade que historicamente recai sobre as mulheres, sobre sua subjetividade e até mesmo à política do controle. Seja ela, dessa subjetividade, do seu corpo ou da “moral” perante os valores socialmente impostos, como pontua Margareth Rago (2013) em “A aventura de contar-se”. Nessa perspectiva, Antônia é “parte de uma geração que produziu inúmeros deslocamentos e transformações subjetivas, em busca da definição de novos modos de existência”. (RAGO, 2013, p. 66).

As subjetividades de Antônia constituem várias faces, plurais, permeadas de vários discursos e práticas que são transgressoras e demarcam resistências. Ela é um sujeito complexo dessa temporalidade, contornando as redes emaranhadas pelo poder regulatório e pelo saber dos padrões instituídos. Ao fazer uso do saber referente a sua sexualidade, Antônia circundava o poder em meio à sociedade, e onde há relações de poder, há luta, enfrentamento e relações de força. Logo, “onde existe poder existe resistência”. (FOUCAULT, 2008, p. 136). E a resistência precisa se desdobrar arduamente tal qual o poder.

### Considerações Finais

O trabalho discorreu sobre a sexualidade enredadas por Antônia Cudéfacho no contexto cametaense. Diante do exposto e das concepções arquogenealógicas foucaultianas, auxiliadas pelas discussões feministas e teoria *queer*, evidenciamos que a sexualidade vivenciada por Antônia, apesar de marginal e abjeta frente aos valores e normas historicamente instituídos na sociedade e que se forja permeada por antagonismos e ambiguidades, em meio às suas construções discursivas, tende a ser um viés de impoderamento e liberdade para a mulher, haja vista que seu corpo, suas vontades e sua sexualidade foi, por muito tempo, cerceada pelas concepções patriarcais.

Percebeu-se o dispositivo da sexualidade inserido numa construção discursiva, inscrita para além da temporalidade em que transcorreu a narrativa literária e que carrega





consigo o constructo das relações de poder enviesadas por tramas de saber e modos de resistências. Diante desse cenário, é favorável predispor maior abertura em torno da sexualidade para, assim, nos (re)conhecermos e (re)conhecermos o outro enquanto sujeitos dignos do convívio plural, ético e livre de movimentações excludentes em relação à diferença, em especial, acerca da sexualidade. Portanto, a educação precisa ser pensada como ferramenta para a transformação de si e do outro. Além disso, “quando você lida com o diferente, você também se transforma, se coloca em questão” (MISKOLCI, 2015, p. 15), torna-se mais sensível às causas-outras, na exposição de um movimento de proximidade ao que se defrontava outrora estranho e passível de exclusão.

## Referências

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 14.ed. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 29ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

\_\_\_\_\_. **A Arqueologia do Saber**. Trad: NEVES, Luiz Felipe Baeta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

LARÊDO, Salomão. **Antônia Cudefacho**. Belém –PA: Salomão Larêdo Editora, 2006.

LOURO, Guacira (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2ª ed. E ampl., 2ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica editora: UFOP, 2015.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

\_\_\_\_\_. **Os prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. 2ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

SALIH, Sara. **Judith Buther e a teoria queer**. Trad. LOURO, Guacira. 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.